



Ano Europeu para o Desenvolvimento Mulher, Cultura e Desenvolvimento

Págs. 2/3

Goa
Estudantes
de toda a Índia
aprendem
português

Pág.2/3

**Encontro
Dramaturgia
de Língua
Portuguesa
no Mindelo**

Pág.3

**Portugal
de novo
em destaque
na Feira do Livro
de Bogotá**

Pág.4

**O 25 de abril
aos 41 anos**

Pág.4

Ano Europeu para o Desenvolvimento Mulher, Cultura e Desenvolvimento

2015 é o Ano Europeu para o Desenvolvimento. Quatro mulheres ligadas à escrita literária e à investigação sociológica de três países de língua portuguesa (Angola, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe) abordam as questões do desenvolvimento, da mulher e da cultura

«Há muitos pontos de contacto na forma como as quatro autoras abordam o tema, mas as perspetivas não são inteiramente coincidentes. Se, para a investigadora social cabo-verdeana Irene Cruz, a cultura e a literatura parecem ter um papel claramente instrumental na promoção de um desenvolvimento sustentável, já para a jurista e poeta sua compatriota Vera Duarte a cultura e, em particular, a literatura, «pondo o dedo nas feridas, tem ajudado na identificação dos males sociais e muitas vezes na sua superação, além de ter um importante papel na consciencialização dos cidadãos».

Irene Cruz, que venceu o Prémio Nacional de Direitos Humanos de Cabo Verde, na categoria Estudo Científico, pelo trabalho *Filosofias da Imigração - cosmopolitismo versus comunitarismo* (tese de mestrado realizada na Universidade do Minho), defende que «a cultura, nas suas várias manifestações - onde a

literatura e as outras artes têm lugar - contribui para um desenvolvimento sustentável», harmónico e integral, ao educar o ser humano «em todas as suas dimensões». E é aí, segundo ela, que «entra, principalmente hoje, a chamada literatura ambiental, aquela literatura ou outras formas de arte (como a pintura), que retratam temáticas ambientais» e preparam «para a ação humana ambiental».

Já Vera Duarte vê na literatura um papel no mapeamento dos problemas que enfrenta o desenvolvimento de um país e na formulação de soluções. Aliás, diz que, muitos líderes nacionais se têm «socorrido da literatura para fazer passar as suas preocupações e mensagens de desenvolvimento». Exemplifica-o com a influência exercida pelo romance 1984, de George Orwell, na queda dos regimes totalitários da Europa de leste, bem como com «o impacto que um livrinho como o *Indignat-vos*, de Stephen Hessel, vem tendo nos movimentos

de consciencialização cidadã», ou ainda com a «fulgurante» carta do poeta francês Arthur Rimbaud ao seu amigo Paul Demeny, em 1871, em que anuncia que «quando acabar a infinita servidão da mulher ... o homem - até aqui abominável - deixá-la-á em liberdade e ela então, também ela, será poeta». Lembra ainda que «foi também com a escrita que a mulher se emancipou e conquistou direitos», referindo Olympe de Gugges, a autora francesa da primeira *Declaração dos direitos da mulher e da cidadã*, de setembro de 1791, «que pagou com a própria vida pelos seus escritos e atitudes pioneiros em relação a mulher».

Vera Duarte destaca o papel da escrita em Amílcar Cabral, «o líder incontestado da independência nacional» de Cabo Verde e «um lutador incansável pela causa das mulheres», que «pronunciou um dos mais completos discursos sobre a emancipação da mulher que já me foi dado ler, e em que ele praticamente enunciou quase todos os direitos, mais tarde consagrados em instrumentos jurídicos internacionais e nacionais».

Diferente é a abordagem da escritora santomense Conceição Lima, para quem «a literatura e a cultura são expressões da individualidade de um povo e contribuirão para um desenvolvimento sustentável na medida em que o sistema de valores



Vera Duarte (em cima) e Irene Cruz

transmitido nas escolas for capaz de as incorporar de forma crítica», o que significa, no caso do seu país, ter o sistema de ensino em conta «as realidades são-tomenses, designadamente as culturais», sem o que estará a «formar pessoas inaptas a contribuir para o desenvolvimento sustentável do país».

A escritora angolana Amélia Dalomba, no seu jeito peculiar de abordar os assuntos, se reconhece

que «a literatura, a cultura em geral têm contribuído para a mudança que empola o desenvolvimento humano e social», prefere sublinhar os efeitos positivos que o desenvolvimento tecnológico tem numa espécie de desmaterialização dos objetos culturais como o livro, permitindo resolver a questão que anteriormente se colocava de «quantas árvores teremos mais que matar, para fazer livros».

A ASCENSÃO DAS MULHERES

No quadro de crescente apoio à ajuda ao desenvolvimento, é consenso que o papel da mulher, muito em especial nos países africanos, tem-se alterado positivamente nas últimas décadas. Conceição Lima exemplifica com o seu país, onde as mulheres «têm vindo a contribuir para o desenvolvimento, exercendo atividades em todos os setores (...), incluindo esferas não tradicionais como a justiça, a defesa e as forças armadas, os negócios estrangeiros», facto que descreve como «uma conquista da independência nacional». Em 1975, diz, «São Tomé e Príncipe tinha uma médica, uma agrónoma, duas ou três regentes agrícolas. Não tinha uma economista, uma jurista, uma gestora de empresas». A situação, acrescenta, é hoje diferente no que toca a quadros de formação superior, média e técnico-profissional «e o apoio de parceiros internacionais, nomeadamente europeus, foi fundamental». O recenseamento geral, de 2012, indicou estarem as mulheres ligeiramente em maioria nas profissões científicas e intelectuais, embora francamente minoritárias nos cargos que implicam tomadas de decisão.

Estes avanços não a levam a ignorar que «subsiste uma percen-

Índia Estudantes de toda a Índia aprendem português em Goa

«A notícia foi publicada há uns dias no *Times of India*: «estudantes de Delhi, Bihar e Maharashtra ultrapassaram os estudantes goeses no programa de mestrado em português na Universidade de Goa [UG]». O jornal indicava que 5 dos 9 estudantes que atualmente frequentam o mestrado de dois anos na UG - a única que oferece ensino de língua e cultura portuguesas (como mestrado, cursos livres certificados e cadeiras opcionais, como Língua Portuguesa, História de Portugal, Cinema, Arte Portuguesa e Portugal no Contexto da União Europeia, estas últimas lecionadas em inglês para os alunos de todos os departamentos da UG) a nível superior -, vinham de fora do Estado indiano de Goa.

O artigo do *Times of India* ilustra o crescente interesse que existe na Índia pela língua portuguesa e

que levou a Universidade de Goa a ponderar criar, com o apoio do Camões, I.P. uma Cátedra em Estudos Portugueses.

O artigo do *Times of India* relatava o caso de vários estudantes que abandonaram outras carreiras para estudar português ou que as complementaram com o estudo do português, dando um novo fôlego à sua vida profissional ou académica.

Os números falam por si quanto ao interesse pelo português por parte da comunidade estudantil em Goa. Se a frequência no departamento de português da UG se manteve estável no grau de mestre (em redor de uma dezena de alunos) na última década e teve algumas flutuações em sentido da alta no curso certificado, o número de estudantes que frequenta a cadeira opcional multiplicou-se praticamente por 10 (de 25 para 222)

entre 2010 (quando esta possibilidade surgiu) e 2014.

A criação da cátedra, a par de outros assuntos do foro académico, foi perspetivada durante a visita a Goa no início de fevereiro passado da Presidente do Camões, I.P., Ana Paula Laborinho, nos encontros que manteve com as autoridades académicas deste Estado indiano, antiga colónia portuguesa.

Neste mês de abril, a Faculdade de Línguas e Literatura da UG, em que se insere o Departamento de Português e Estudos Lusófonos, debruçou-se sobre a definição dos «objetivos e orientações que deseja seguir» quanto à eventual criação da cátedra, projeto que, para o leitor de português na UG, Delfim Correia da Silva, assume grande importância.

CÁTEDRA

Segundo o leitor do Camões, I.P., a cátedra «permitirá a realização e prossecução de trabalhos de investigação nas áreas da linguística comparada, do Português Língua Estrangeira (PLE), e a implementação dos programas de estudo ao nível do doutoramento». Nomeadamente, possibilitará a realização de estudos e projetos de investigação sobre a relação do Português com as línguas



indianas, como o concaním e o marata.

O apoio de Portugal à criação da cátedra em Goa constituirá ainda «uma nota de abertura e fortalecimento no diálogo com a Índia», promovendo «uma nova relação com Goa, o passado histórico e a visão futura, numa perspetiva do português como língua global, considerando Goa um ponto central (*hub*) privilegiado na relação entre a Índia e o espaço lusófono».

Para além das razões históricas, arquitetónicas e culturais, há em Goa excelentes condições para implementar projetos que visam a

expansão e consolidação dos Estudos Portugueses. O português faz parte dos currículos escolares no ensino básico e secundário, é oferecido no ensino superior em todos os níveis, cursos livres, opcionais, licenciatura, mestrado e doutoramento; começa a haver uma consistente renovação do corpo docente no sistema escolar, fruto da oferta de professores qualificados formados na UG; existem centros de documentação e acervos bibliográficos que atraem alunos e investigadores de todo o mundo e, para além do ensino oficial, diversas instituições particulares promovem cursos de português.

tagem significativamente maior de mulheres analfabetas», que trabalha no setor informal, «preenchendo as categorias que não requerem qualificação, sem beneficiar de apoios, sem acesso a créditos e sem proteção social», o que significa que há «um longo caminho a percorrer», apostando na formação e na capacitação das mulheres.

Estes problemas são abordados de forma contundente por Amélia Dalomba quando pergunta que papel «especial» tem ela própria «nesse tal 'desenvolvimento' se, para estar no mundo do trabalho, o meu filho fica entregue aos cuidados de uma irmã de 8 anos, vizinhas e muitas vezes a tão precários serviços de assistência médica, sem infantários dignos de tal nome e os poucos que há, o meu bolso não cobre». E acrescenta: «Quanto tenho que sacrificar, para constar nas estatísticas como mulher positivamente enquadrada no tal de desenvolvimento?»

A investigadora Irene Cruz situa a alteração positiva do papel da mulher africana numa perspetiva histórica, lembrando o «virar de página», na década de 70, quando as Nações Unidas declararam o Ano da Mulher. «As políticas de desenvolvimento passaram a ter o enfoque género e vários instrumentos jurídicos e programas de desenvolvimento foram lançados ao nível internacional, nomeadamente o CEDAW [Committee on the Elimination of Discrimination against Women], ODM [Objetivos do Milénio], entre outros, abrangendo o continente africano. A partir daí há o entendimento de que a mulher é uma peça fundamental no desenvolvimento».

Cabo Verde, país de desenvol-

vimento médio desde 2007, onde as mulheres representam 53,5% da população, apresenta, segundo Irene Cruz, alguns indicadores de desenvolvimento no que toca à mulher: eliminação da disparidade entre os sexos no acesso ao ensino pré-escolar, básico e superior; evolução positiva de integração da mulher no mercado de trabalho, não obstante continuar a ser mais afetada pelo desemprego e de a pobreza ser mais profunda nos agregados familiares chefiados por mulheres, mães solteiras; produção legislativa protetora, defensora e corretora dos direitos da mulher; avanços no exercício do poder público. A investigadora aponta um elenco governamental atual em que as mulheres ocupam mais de



Amélia Dalomba
Conceição Lima (em baixo)

metade (11 mulheres e 10 homens) dos cargos, apesar de considerar que os «valores culturais perpetuados nas mentes da sociedade justificam a fraca visibilidade da participação da mulher na política, sendo a taxa de mulheres no legislativo muito baixa (15,1%)».

DIREITO COMPARADO

Vera Duarte, pelo seu lado, concorda com Irene Cruz que o Estado cabo-verdiano tem promovido, desde a independência em 1975, «a criação e aplicação dos dispositivos legais de combate a discriminação e violência de género», bem como «programas de empoderamento da mulher». «Graças a estas atividades e ao ativismo social, hoje podemos dizer que a batalha pela emancipação da mulher está globalmente ganha, embora permaneçam zonas em que o combate contra a herança escravocrata e não só, deva continuar». Evoca a vitória muito recente de uma jovem mulher (Janira Hopper Almada) na corrida para a presidência do partido de governo (PAICV), em eleições livres e diretas.

Mas coloca a alteração positiva do papel da mulher nos países africanos no quadro da influência do que descreve como 'direito comparado'. Explica que vindo a ajuda ao desenvolvimento essencialmente da Europa, onde tiveram lugar os movimentos pioneiros de emancipação da mulher, o condicionamento daquela à participação e ao respeito pelos direitos humanos da mulher determinou «um importante movimento neste sentido por parte dos países recetores da ajuda».

Reconhece que nas questões do desenvolvimento há «sem dúvida»

problemas específicos das mulheres ou em que as mulheres podem dar um contributo particular – na saúde, educação, agricultura e finanças. Mas, as mulheres poderem «decidir das políticas públicas pertinentes para estes setores decisivos para o desenvolvimento do país, permite que os conteúdos dessas políticas tenham também em atenção o saber e a experiência específica da mulher e que aspetos importantes não sejam negligenciados», diz. Sublinha o papel da mulher no alcance dos ODM, como acontece em Cabo Verde, devido à «sua particular aptidão para as causas sociais». Refere por outro lado a acalmia registada na Libéria desde que uma mulher, Ellen Johnson Sirleaf, foi eleita para a presidência do país como exemplo de uma diferença nas questões da guerra e da paz trazida pelas mulheres.

Para Amélia Dalomba, se é verdade que os «homens e mulheres têm particulares de género», «as soluções passam sempre pelos dois, objetiva ou subjetivamente». No entanto, quando interrogada sobre o papel das mulheres no cumprimento dos ODM em questões como a universalização do ensino primário, a igualdade de género, a redução da mortalidade infantil e materna, a saúde, diz que as mulheres têm aí um «papel fundamental», «ainda que seja pelo grito, pelo pedido de socorro aos que mais têm, mais sabem, mais podem».

Conceição Lima vê a necessidade de políticas direcionadas para os problemas específicos das mulheres – na pobreza, no desemprego e no trabalho não qualificado, na família (31% das famílias em São Tomé e Príncipe são monoparentais e dessas a esmagadora maioria é chefiada por

mulheres), na desistência escolar de raparigas e na gravidez precoce. Destaca que, inversamente, a sua educação e capacitação permite contribuir melhor para os tópicos inscritos na agenda do desenvolvimento, com um papel «insubstituível» no cumprimento dos ODM, «desde logo, pelo seu peso nos serviços de saúde e na educação e por uma sensibilidade particular no modo como muitas exercem essas atividades».

Irene Cruz sublinha, por seu turno, o contributo «não reconhecido suficientemente e não quantificado e traduzido no PIB» das mulheres cabo-verdianas para o desenvolvimento do país, inquestionável, em seu entender, «no domínio da educação formal, informal e não formal» e na gestão do património familiar, numa nação de emigrantes antes da independência. Hoje em dia, considera, os desafios são outros para que «o empoderamento da mulher seja efetivo» em Cabo Verde.

Defendendo que «a transversalidade da abordagem género em todos os eixos da vida pública e privada seria uma boa solução», Irene Cruz aponta no entanto seis áreas específicas: a pobreza, que atinge mais as mulheres; a alfabetização das mulheres com mais de 50 anos, entre as quais a taxa de analfabetismo ainda é superior a 20%; o empreendedorismo feminino; a formação profissional associada ao microcrédito, que corrija o desequilíbrio do rendimento per capita entre homens (4.152 USD) e mulheres (2.015 USD); a manutenção do quadro de participação das mulheres na vida política e pública; a violência baseada no género, que «é um dos fatores da pobreza e da desestruturação das famílias entre outros».

Encontro Dramaturgia de Língua Portuguesa no Mindelo

A proposta de reestruturação dos cursos de línguas estrangeiras, apresentada em 2013-2014 pelo leitor do Camões, I.P. na UG foi aceite pelo Conselho Científico, tendo então os cursos livres de Língua Portuguesa sido programados em quatro níveis, A1, A2, B1 e B2, seguindo o Quadro Comum Europeu de Referência para as línguas estrangeiras.

Delfim Correia da Silva sugeriu o nome de Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara (1809-1879) como patrono da cátedra a criar, pois o trabalho deste historiador português na defesa das línguas locais e na relação entre o concanim e o português «é ainda hoje muito apreciado por linguistas, académicos e as gentes goesas».

Na opinião do leitor português, a criação da cátedra beneficiará muito a atividade dos três professores assistentes, formados no Departamento de Português, contratados pela UG no início do presente ano letivo 2014-2015.

Outros projetos da UG prendem-se com a introdução de cursos de português para fins específicos, oferecidos através do sistema de B-Learning e certificados simultaneamente pelo Camões, I.P. e pela Universidade de Goa.

Uma dezena de dramaturgos de Angola, Brasil, Cabo Verde e Portugal, participam de 7 a 10 de maio, no Mindelo, Cabo Verde, no MarDrama - Encontro Internacional de Dramaturgia de Língua Portuguesa, promovido pelo Centro Cultural Português - Polo do Mindelo, de que é diretor o encenador português João Branco.

O encontro, que conta com a parceria do Mindelact, associação artística e cultural que promove o festival de teatro cabo-verdiano do mesmo nome, espera ter a participação de dramaturgos de Cabo Verde, como Valódia Monteiro, Elisio Leite, Caplan Neves, Abraão Vicente, entre outros, de José Mena Abrantes e Arlindo Isabel (um editor), de Angola, de Rui Zink, de Portugal, e diversos criadores do Centro de Dramaturgia Contemporânea, de S. Paulo, no Brasil.

Dois obras inéditas serão lançadas durante o MarDrama. A primeira é uma coletânea de peças do cabo-verdiano Caplan Neves, numa edição da Mindelact, a 3ª publicada pela coleção Dramaturgia Nacional, depois dos dramaturgos Espírito Santo Silva e Mário Lúcio Sousa; a segunda é *Quotidiano*, *Esta Não é uma História de Amor*, publicada pela Mayamba Editora, de Angola, escrita em sequência por 4 autores - Rui Zink, Mena Abrantes, Abraão Vicente e Ivam Cabral, do Brasil, que foi encenada pelo Grupo de Teatro do Centro Cultural Português do Mindelo, criado e dirigido por João Branco, e que constituiu no ano passado a 50ª produção da companhia.

Os liceus do Mindelo acolhem um concurso de dramaturgia, destinado aos jovens, cujos resultados serão divulgados



durante o encontro. «São precisas iniciativas que, de alguma forma, motivem os jovens a participar mais, a se mostrarem mais. Na escrita também. E no teatro, mais ainda, que é uma arte tão querida em Cabo Verde, e no Mindelo, em especial, temos a certeza de que há muitos jovens com peças 'na gaveta' e que ainda não tiveram coragem de mostrar», declarou

João Branco. Haverá também encontros entre os dramaturgos participantes e os alunos de liceus da cidade.

Uma palestra com todos os dramaturgos, que falarão do seu trabalho, das dificuldades em escrever para teatro e que trocarão impressões com a plateia sobre a dramaturgia em geral ou sobre algum aspeto particular da sua obra, integra o programa do encontro, que compreende ainda três oficinas de escrita teatral. Uma com elementos do Centro de Dramaturgia de S. Paulo, outra com Rui Zink e uma terceira com Mena Abrantes. Serão feitas leituras dramatizadas dos trabalhos que surgirem dessas oficinas.

Haverá ainda, uma performance dos alunos do 15º Curso de Teatro do CCP, a 9 de maio. Os alunos irão para a rua, em vários pontos da cidade, com máquinas de escrever e uma secretária e vão escrever sobre a vida das pessoas. Quem quiser, senta-se ali, frente a frente com o ator/performer, e conta a sua vida. Desses textos nascerão outras obras, outras performances, no futuro, explica João Branco.

O 25 de abril aos 41 anos

❑ Quarenta e um anos depois, o 25 de abril de 1974 continua a ser assinalada um pouco por todo o mundo por iniciativa de embaixadas, consulados e centros culturais portugueses e ainda pelos leitorados da rede do Camões, I.P. com exposições, filmes e debates.

Em **França**, destaque para a conferência que o jornalista Joaquim Furtado proferiu na Universidade Jean Monnet, em Saint-Etienne, a 23 de abril, sobre a sua intervenção na madrugada de 25 de Abril, em que leu o primeiro comunicado do Movimento das Forças Armadas, aos microfones do Rádio Clube Português – uma iniciativa do Centro de Língua Portuguesa (CLP) da Universidade Jean Monnet.

Já o CLP de Lyon promoveu a exposição *Os livros na Ditadura de Salazar*, do Museu da Imprensa Nacional, patente ao público de 21 a 28 de abril na Mediateca de Feyzin, bem como uma conferência sobre *A Queda de Salazar*, proferida pelo jornalista Miguel Pinheiro seguida da apresentação do seu livro intitulado *A noite mais longa*, também na Mediateca de Feyzin.

O Festival de Cinema da Praia de Zushi, no **Japão**, dedicou o seu dia da abertura, a 25 de abril, a Portugal, com a projeção de *Amélia*, o filme (Carlos Coelho da Silva) num ecrã ao ar livre. No mesmo dia, teve lugar a projeção de *José e Pilar* (Miguel Gonçalves Mendes), seguido de um *talk-show* com a presença do realizador (que está no Japão em rodagem até 16 de maio) e um mini-concerto pela fadista japonesa, Kumiko Tsumori. Música portuguesa e a leitura de *Ode Marítima*, de Álvaro de Campos, passaram num programa de rádio dedicado ao festival.

No **Canadá**, a exposição *Abriu: o chegar da Liberdade* esteve patente na Galeria Almada Negreiros, no Consulado-Geral de Portugal em Toronto, até amanhã 30 de abril, com o patrocínio do Camões, I.P. A mostra é constituída por 16 painéis, nos quais se podem ver alguns dos momentos essenciais da data, representados por fotografias, cartazes, autocolantes e primeiras páginas de jornais. A exposição alusiva ao 25 de Abril contém ainda notícias censuradas bem como o mandado de captura de Mário Soares e uma carta escrita pelo antigo Presidente da República, a 15 de maio de 1961, quando se encontrava preso.

A mesma exposição, seguida da exibição do documentário *Outro País*, de Sérgio Tréfaut, assinala a data a 30 de abril na Universidade Hankuk de Estudos Estrangeiros (HUFS), na **Coreia do Sul**, numa organização do CLP naquela Universidade em conjunto com a Embaixada de Portugal em Seoul.

Na **Tailândia**, o Thai Film Archive em colaboração com a Cinemateca Portuguesa e o apoio do Bangkok Art and Culture Centre (BACC) e do Camões, I.P. organizou a 1ª Semana de Cinema Português em Banguecoque, de 19 a 25 abril, exibindo oito filmes de diferentes épocas e tendências, entre eles *Aniki-Bobó* e *Non ou a Vã Glória de Mandar*, de Manoel de Oliveira.

O cinema foi também uma das opções para assinalar na **Polónia** a data, bem como a proximidade das celebrações do final da 2.ª Guerra Mundial, com a exibição do documentário *Fantasia Lusitana*, de João Canijo, obra que analisa o Portugal salazarista durante o conflito mundial. Ainda naquele país, a data é evocada com uma conferência sobre as revoluções e a instituição do regime democrático em Portugal e na Polónia, a 20 de maio, na sede do jornal Gazeta Wyborcza, em Varsóvia.

O leitorado do Camões, I.P. de Buenos Aires assinalou o 25 de abril na Casa do Brasil, em Buenos Aires, com o seminário *Entender o 25 de abril: cronologia crítica da Revolução dos Cravos em Portugal* e a projeção do filme *Capitães de Abril*, de Maria de Medeiros.

Um recital de poesia portuguesa foi a escolha do leitorado do Camões, I.P. em Santiago do **Chile** para com a Embaixada de Portugal e em colaboração com o Café Literário Bustamante celebrara a data.

Quorum Ballet em digressão pela China



❑ O espetáculo de dança contemporânea *Correr o Fado*, interpretado pela companhia Quorum Ballet, com coreografia de Daniel Cardoso, volta à China, para se apresentar pela segunda vez no Shanghai Oriental Art Center (Xangai), a 16 e 17 de maio, e estrear-se nas cidades de Pequim (a 12 de maio), Jinan (14 de maio), Nanquim (24 de maio) e Zhuhai (22 de maio).

A *China Tour 2015* segue-se ao sucesso do espetáculo sobre «a mais representativa forma de expressão da cultura tradicional portuguesa» em Espanha, Equador, Sérvia, Dinamarca, Holanda, Alemanha, Suíça e Tailândia, «Numa multiplicidade de movimentos, sons, sensações e sentimentos, os bailarinos transmitem-nos com a sua arte, beleza e sensibilidade tudo o que os nossos sentidos percebem e o nosso coração apreende. Desmistifica-se a conotação saudosista e melancólica que o Fado carrega consigo», promete a companhia.

Portugal volta a estar em destaque na Feira do Livro de Bogotá



Pavilhão de Portugal na FILBo de 2013

❑ Depois de, em 2013, ter sido o convidado de honra da Feira Internacional do Livro de Bogotá (FILBo), Portugal voltou a estar em destaque na 28ª edição deste evento que se realiza na capital colombiana até 4 de Maio de 2015.

A FILBo é o terceiro maior evento literário da América Latina quanto ao número de visitantes, depois de Guadalajara e São Paulo, o segundo maior em estatuto e o primeiro em termos de programação cultural. Nas suas últimas edições a Feira contou com uma média de cerca de meio milhão de visitantes, tendo como países convidados o Brasil (2012), Portugal (2013) e o Peru (2014).

Para 2015 não existe um país convidado, mas sim um espaço de

homenagem dedicado a Macondo e à literatura do Prémio Nobel colombiano – Gabriel García Márquez, desaparecido em 2014, marcando desta forma o primeiro aniversário da sua morte.

Nesta 28ª edição, Portugal marca presença com um *stand* de cerca 30m2, estando representadas 20 editoras portuguesas, com um total de cerca de 400 títulos disponíveis em língua portuguesa, e 25 editoras em língua espanhola com traduções dos principais autores portugueses num total de cerca de 300 títulos. Os visitantes terão assim à sua disposição aproximadamente 700 títulos de autores portugueses.

Relativamente à programação, o destaque vai para a presença dos

escritores José Tolentino Mendonça, Maria do Rosário Pedreira e Afonso Cruz, do editor, escritor e agente literário Paulo Ferreira, da Booktailors, e da fadista Kátia Guerreiro.

José Tolentino Mendonça participou numa conferência com o poeta colombiano Juan Manuel Roca, a 23 de Abril, proferindo também uma conferência na Universidade de los Andes.

Maria do Rosário Pedreira participou numa mesa com as poetas Lucía Estrada, Catalina González e Elena Mendel, dedicada ao seu trabalho poético e às suas visões sobre a edição e produção literária no espaço ibero-americano. A escritora e editora portuguesa participou ainda numa conferência na Universidade de los Andes e numa conversa com leitores na Livraria do Centro Cultural Gabriel García Márquez.

Afonso Cruz participará a 2 de maio na conferência *Literatura, niños y conflicto* e terá o lançamento do seu livro *Los libros que devoraron a mi padre*, a 3 de maio. Está prevista ainda uma atuação musical do escritor no recinto da Feira.

Paulo Ferreira participará em dois fóruns sobre edição: *Start-ups na edição: da ideia à prática* e *O editor como estratega: criação de catálogos e mercados do livro*.

A participação portuguesa ficará completa com a presença de Kátia Guerreiro que ditará uma *masterclass* na Universidade de los Andes e protagonizará o concerto de encerramento da FILBo num espetáculo a 2 de maio no Teatro Jorge Eliecer Gaitan, um dos mais emblemáticos da cidade de Bogotá, com uma capacidade para 1700 espectadores.

No decorrer da Feira está prevista ainda a reedição do livro *Todos los sueños del mundo* com poemas de Fernando Pessoa e Pofirio Barba-Jacob com a chancela da editora colombiana Tragaluz.

Bruno Vieira Amaral no Festival Europeu do Primeiro Romance

❑ O escritor Bruno Vieira Amaral representou Portugal e a língua portuguesa em mais uma edição do Festival Europeu do Primeiro Romance, organizado de 23 a 26

de abril no contexto do Festival do Livro de Budapeste e reunindo escritores de 18 países europeus.

Bruno Vieira, que se deslocou por iniciativa do Centro de Língua Portuguesa (CLP) do Camões, I.P. em Budapeste, participou numa oficina de trabalho literária com os seus colegas europeus, no debate *The West and the rest: development dilemmas in Europe and beyond* e numa mesa redonda em que teve oportunidade de falar sobre o seu premiado romance *As Primeiras*

Coisas (Quetzal, 2013). Houve ainda lugar a uma leitura pública de passagens da obra, traduzidas para húngaro e inglês e publicadas em duas revistas literárias e no catálogo oficial do festival.

O CLP do Camões, I.P. em Budapeste está associado ao Festival desde a primeira edição, em 2006. O primeiro convidado português foi Rui Cardoso Martins, cujo livro *E se eu gostasse muito de morrer* foi traduzido e publicado na sequência desta participação.

Camões no Mundo

41º aniversário do 25 de Abril de 1974 assinalado pela rede do Camões, I.P. em diversos países.

Brasil

Portugal participa na XI Semana da Europa. De 3 de maio a 18 de junho em 10 cidades.

Centenário da revista *Orpheu* assinalado em Brasília com dois encontros. A 23 de abril e a 21 de maio. Organização da Universidade de Brasília com apoio da Embaixada de Portugal.

Cabo Verde

MarDrama - Encontro Internacional de Dramaturgia de Língua Portuguesa, promovido pelo Centro Cultural Português - Polo do Mindelo. De 7 a 10 de maio, no Mindelo.

China

Quorum Ballet apresenta *Correr o Fado* em Xangai, Pequim, Jinan, Nanquim e Zhuhai. De 12 a 24 maio.

Colômbia

Feira Internacional do Livro de Bogotá (FIL-BO2015), até 04 de maio.



Camões, I.P.

Av. da Liberdade, n.º 270
1250-149 Lisboa
TEL. 351+213 109 100
FAX. 351+213 143 987
www.instituto-camoes.pt
jlencarte@camoes.mne.pt
PRESIDENTE Ana Paula Laborinho
COORDENAÇÃO Paula Saraiva
COLABORAÇÃO Carlos Lobato